Globethics Repository



O significado da morte do quarto animal e a sobrevida dos demais [The meaning of the death of the fourth animal and the survival of the others animals]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	Lopes, Anderson;de Campos, Laercio;Roberto de Oliveira, Marcos
Publisher	Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp)
Rights	Creative Commons Copyright (CC 2.5)
Download date	2026-11-15 12:09:32
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/228929

Ano 5 - Número 2 - 2º. Semestre de 2009
www.unasp.edu.br/kerygma
pp. 200-201

Trabalho de Conclusão de Curso

O SIGNIFICADO DA MORTE DO QUARTO ANIMAL E A SOBREVIDA DOS DEMAIS: Uma Análise Exegética de Daniel 7:11-12

Anderson Lopes, Laercio de Campos e Marcos Roberto de Oliveira
Bacharéis em Teologia pelo Unasp, Campus Engenheiro Coelho, SP
TCC apresentado em dezembro de 2008
Orientador: Reinaldo W. Siqueira, Ph. D.

Resumo: O presente artigo provê uma investigação do texto de Daniel 7:11-12, onde diz que o chifre pequeno e o quarto animal seriam destruídos primeiro, enquanto aos outros animais teriam prolongação de vida.

Numa interpretação historicista tradicional encontramos que estes animais são reinos subseqüentes na história até o juízo divino. Como entender então que o quarto animal e o chifre pequeno é destruído primeiro e os demais são destruídos depois? Este estudo procurou a resposta dentro de um paralelismo no próprio livro de Daniel, entre os capítulos 2 e 7 e também com Apocalipse capítulos 13 e17.

Esta pesquisa indicou que o paralelismo existente entre esses capítulos e livros provêem a resposta, ao encontrarmos evidências de uma unidade entre esses poderes que, apesar de divididos, formam um só poder. O poder político religioso que é destruído por último perde o apoio dos poderes seculares e estes são responsáveis por sua destruição. Os demais continuam até a segunda vinda de Cristo, conforme descrito em Apocalipse, e serão destruídos posteriormente após o milênio. Este estudo apresenta uma possível solução para o problema.

Palavras-chave: Juízo Divino, Quarto Animal, Escatologia, Daniel 7:11-12.

THE MEANING OF THE DEATH OF THE FOURTH ANIMAL AND THE SURVIVAL OF THE OTHERS ANIMALS: An Exegetic Analysis of Daniel 7:11-12

Abstract: The present study investigates the text of Daniel 7:11-12, where is stated that the little horn and the fourth animal were destroyed first, while the others animals were given an extension of life.

From a traditional historical interpretation perspective, these animals represented successive kingdoms that follow each other until the time of the Divine Judgment. How to understand then that the fourth animal was destroyed first and the other only later on? The present study searches for answers within the parallelisms present in the very book of Daniel, especially in chapters 2 and 7 of the book, but also in Revelation 13 e 17

This research pointed that the parallelism existent between these chapters provides the answer, as they indicate to the intrinsic unity between the powers represented by the animals. The religious political power that is destroyed losses its support from the secular powers, which became the very responsible for its destruction. These other powers continue until the second coming of Christ, as described in Revelation, and will be destroyed only after the Millennium. The present study presents a possible solution to the problem.

Keywords: Divine Judgment, Fourth Animal, Eschatology, Daniel 7:11-12.

CENTRO UNIVERSITÁRIO ADVENTISTA DE SÃO PAULO
CAMPUS ENGENHEIRO COELHO
SEMINÁRIO ADVENTISTA LATINO-AMERICANO DE TEOLOGIA

O SIGNIFICADO DA MORTE DO QUARTO ANIMAL E A SOBREVIDA DOS DEMAIS: UMA ANÁLISE HISTÓRICA DE DANIEL 7:11-12

Por
Anderson Lopes
Laercio de Campos
Marcos Roberto de Oliveira
Dezembro de 2008

CENTRO UNIVERSITÁRIO ADVENTISTA DE SÃO PAULO
CAMPUS ENGENHEIRO COELHO
SEMINÁRIO ADVENTISTA LATINO-AMERICANO DE TEOLOGIA

O SIGNIFICADO DA MORTE DO QUARTO ANIMAL E A SOBREVIDA DOS DEMAIS: UMA ANÁLISE HISTÓRICA DE DANIEL 7:11-12

Monografia apresentada ao curso de Teologia como cumprimento parcial dos requisitos para o título de Bacharel em Teologia, sob orientação do professor Reinaldo Siqueira

Por
Anderson Lopes
Laercio de Campos
Marcos Roberto de Oliveira
Dezembro de 2008

Dedicamos esta pesquisa às nossas
esposas que ao longo desses
anos nos apoiaram!

“Em vez de limitar o seu estudo ao que os homens têm dito ou escrito, sejam os estudantes encaminhados às fontes da verdade, aos vastos campos abertos a pesquisa na Natureza e na revelação.”

Ellen G. White

ABSTRACT

O presente artigo provê uma investigação do texto de Daniel 7:11-12, onde diz que o chifre pequeno e o quarto animal seriam destruídos primeiro, enquanto aos outros animais teriam prolongação de vida.

Numa interpretação historicista tradicional encontramos que estes animais são reinos subseqüentes na história até o juízo divino. Como entender então que o quarto animal e o chifre pequeno é destruído primeiro e os demais são destruídos depois? Este estudo procurou a resposta dentro de um paralelismo no próprio livro de Daniel, entre os capítulos 2 e 7 e também com Apocalipse capítulos 13 e17.

Esta pesquisa indicou que o paralelismo existente entre esses capítulos e livros provêem a resposta, ao encontrarmos evidências de uma unidade entre esses poderes que, apesar de divididos, formam um só poder. O poder político religioso que é destruído por último perde o apoio dos poderes seculares e estes são responsáveis por sua destruição. Os demais continuam até a segunda vinda de Cristo, conforme descrito em apocalipse, e serão destruídos posteriormente após o milênio. Este estudo apresenta uma possível solução para o problema.

Palavra-chave: Juízo Divino, Quarto Animal, Escatologia, Daniel 7:11-12.

The present Article provides an investigation of the text of Daniel 7:11-12, which says that the little horn and the fourth animal would be destroyed at first, while the other animals would a life time prolongation.

In a traditional interpretation historicist we found that these animals are kingdoms in the history subsequent to the divine judge. How can to understand then, that fourth animal and the little horn is destroyed at first and the other are destroyed after? This study sought to answer within a parallel in the book of Daniel, between chapters 2 and 7, and also with revelation 13 and 17.

This research indicated that the parallelism between these chapters and books provide the answer, to find evidence of a unity between those powers which, even though divided, form a single power. The religious political power that is destroyed by last, lose the support of secular powers and these are responsible for your destruction. The Others continue until the second coming of Christ, as described in Revelation and subsequently destroyed after the millennium. This study presents a possible solution for this problem.

Keywords: Divine Judge, Fourth Animal, Scatology, Daniel 7:11-12.

SUMÁRIO

Abstract v
Sumário vi
Introdução 01

Definição do Problema 01
Propósito do Estudo 03
Escopo e Delimitação do Estudo 04
Metodologia 05

Capítulo I 06

Revisão da Literatura 06
Interpretação Preterista 06
Interpretação Futurista 07
Interpretação Historicista 08

Capítulo II 11

Estudo do Texto 11
Paralelos entre Daniel 2 e 7 11
Relação e Paralelos entre Daniel 2 e 7 e Apocalipse 13 e 17 14
Considerações Acerca dos Paralelos 17

Capítulo III 23

Análise Crítica 23
Análise da Interpretação Preterista 23
Análise da Interpretação Futurista 25
Análise da Interpretação Historicista 27

Conclusão 29

Bibliografia 31

INTRODUÇÃO

Definição do Problema

O capítulo 7 de Daniel descreve uma série de quatro animais que representam uma sucessão de reis ou reinos que dominariam sobre a terra (Dn 7:17) a saber: 1) Um leão que possuía asas de águia, foram-lhe arrancadas as asas, levantado da terra e posto em dois pés como homem e também foi-lhe dada mente de homem (Dn 7:4). 2) Um urso que tinha um de seus lados mais alto que o outro e trazia na boca três costelas (Dn 7:5). 3) Um leopardo que tinha em suas costas quatro asas de ave, ele tinha também quatro cabeças (Dn 7:6). E 4) o quarto animal "terrível e espantoso" que tinha dentes de ferro, que devorava, fazia em pedaços e pisava o que sobrava, possuía também dez chifres, ainda outro chifre surgiu dentre os dez e diante dele três foram arrancados. Este chifre tinha olhos como de homem e boca (Dn 7:7-8)[1].

O ponto culminante desta visão descreve uma cena de juízo no céu, na qual é feita a seguinte declaração: *Então, estive olhando, por causa da voz das insolentes palavras que o chifre proferia; estive olhando e vi que o animal foi morto, e o seu corpo desfeito e entregue para ser queimado. Quanto aos outros animais, foi-lhes tirado o domínio; todavia, foi-lhes dada prolongação de vida por um prazo e um tempo*. Dn. 7:11-12.

[1] José C. Ramos, *Profecia Bíblica, Significado e Natureza da Profecia Bíblica; Introdução e Comentário de Daniel*. Livro 1. 02/2005, 124.

A interpretação tradicional Adventista do Sétimo Dia considera que esses animais representam o império Babilônico, representado pelo leão, cujo domínio, sobre Israel mais especificamente, durou do ano 606-605 à 539 a.C. O império Medo-Persa representado pelo urso, que governou desde o ano 539 à 331 a.C. O império Greco-Macedônico, representado pelo leopardo, que manteve-se no poder a partir de 331 e permaneceu até 168 a.C. sendo subjugado pelo império Romano, o animal "terrível e espantoso", na batalha de Pidna, onde Roma conquistou a Macedônia. A supremacia de Roma durou até cerca de 476 d.C. quando Odoacro, rei dos Hérulos conquistou Roma.[2]

A mesma corrente compreende que os dez chifres que surgiram "do*"* quarto animal representam dez nações bárbaras que desintegraram o império romano ocidental politicamente. Essa desintegração teve seu ápice em 476 quando Odoacro destronou o último imperador romano e se auto-proclamou rei[3]. O surgimento do chifre pequeno, a partir do quarto animal e diante do qual três chifres caíram, indica uma continuação do poder romano, mas agora em forma modificada, já que o chifre possuía olhos e uma boca. Este chifre é interpretado como sendo uma prolongação do império romano ocidental, mas de maneira diferente, não um poder político somente, mas também religioso. Sua interpretação é de que se trata de Roma papal. Posteriormente se estabelece o juízo divino, quando "abriram-se os livros" (Dn 7:9-10). O julgamento culmina com dois resultados, 1) o

[2] C. Mervyn Maxwell, *Uma Nova Era Segundo as Profecias de Daniel* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2003), 145; Ramos, 52-53.

[3] Maxwell, 145.

domínio é tirado dos animais e 2) é outorgado a "um como o Filho do homem".[4] Seu cumprimento se dará por ocasião da volta de Cristo à Terra.

No entanto, no texto quando é dito *Então, estive olhando, por causa da voz das insolentes palavras que o chifre proferia; estive olhando e vi que o animal foi morto, e o seu corpo desfeito e entregue para ser queimado. Quanto aos outros animais, foi-lhes tirado o domínio; todavia, foi-lhes dada prolongação de vida por um prazo e um tempo* (Dn 7:11-12), encontramos uma aparente contradição na afirmação de que o quarto *animal foi morto, e o seu corpo desfeito e entregue para ser queimado*. Se de fato os animais representam reinos sucessivos, como entendermos o fato de que o quarto animal é morto, enquanto aos demais (o primeiro, o segundo e o terceiro) *foi-lhes dado prolongação de vida por um prazo e um tempo*?

Se for tomado por base que os animais "são reis ou reinos" que se sucedem historicamente[5], então como o quarto ou último reino vigente seria destruído e os três anteriores, que já haviam passado teriam prolongação de vida?

O Propósito do Estudo

O presente estudo tentará investigar o problema através de uma análise do texto bíblico com o propósito de entender a questão e tem como objetivo sugerir uma proposta interpretativa ao texto de Daniel, em especial a situação do quarto animal em relação aos demais; procurou-se também definir a aplicação temporal dos eventos constantes desse

[4] Ramos, 124-125.
[5] Maxwell, 108-109.

tema. Utilizou-se como pressuposto para este estudo a linha de interpretação tradicional histórica[6].

A morte do quarto animal, sua ocasião e a sobrevida dos demais são o propósito do estudo. Não se buscou elaborar um trabalho exaustivo, nem determinar a identidade do quarto animal ou o tema do juízo[7], ou ainda temas relacionados, visto já haverem extensos trabalhos nestas áreas. Tomaram-se as conclusões desses autores como ponto de partida para a análise do problema proposto.

Escopo e Delimitação do Estudo

Realizou-se uma análise do texto bíblico em questão, bem como de outros textos da Bíblia que aludem ao mesmo tema, ou que contenham um paralelo de idéias e/ou de figuras simbólicas aplicáveis ao tema em questão. Estudaram-se também os textos alusivos ao tema do juízo divino relacionados com o texto chave deste estudo. Empreendeu-se uma breve análise histórica do contexto do juízo envolvendo os quatro animais e em especial, o tempo de sua realização.

---

[6] William H Shea, *Estudos Selecionados em Interpretação profética*, Série Santuário e profecias apocalípticas (Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2007), 31.

[7] Para um estudo a respeito da identidade dos animais e/ou sua interpretação histórica ver: Shea, *Estudos Selecionados em Interpretação Profética*; Maxwell, *Uma Nova Era Segundo as Profecias de Daniel*; Holbrook, Frank B., ed, Symposium on Daniel, *Daniel & Revelation Comittee Series*, V. 2; Thielle, Edwin R. *Daniel Estudos Esboçados*. Colégio Adventista Brasileiro; Ramos, J. Carlos, Profecia Bíblica, livro I, *Significado e Natureza da Profecia Bíblica; Introdução e Comentário de Daniel*.

Metodologia

No presente estudo foram utilizados comentários bíblicos do Antigo e Novo Testamentos, dicionários teológicos, concordâncias bíblicas, bem como obras contendo alusões e/ou estudos referentes ao assunto profético e histórico provenientes de autores cristãos em geral. Foram utilizados ainda, periódicos, artigos, teses, dissertações, monografias, internet e outros recursos que abordam o problema deste estudo.

No capítulo um, efetuamos uma análise das diferentes linhas interpretativas existentes e as classificamos em três grupos distintos, preteristas, futuristas e historicistas finalizando com uma conclusão parcial.

No capítulo dois, desenvolvemos uma análise do texto e avaliamos os paralelos existentes entre os capítulos 7 e 2 de Daniel e também entre esses capítulos e os capítulos 13 e 17 de Apocalipse. Nesta análise procuramos estabelecer paralelos existentes entre esses capítulos e sua importância para a solução do problema proposto.

No capítulo três, apresentamos uma análise crítica das posições apresentadas no capítulo um e oferecemos uma sugestão para a solução do problema proposto.

CAPÍTULO I

Revisão de Literatura

Ao realizar uma revisão da literatura que trata do assunto em questão, pudemos observar que os escritores e comentaristas se dividem em três linhas de pensamento distintas. Assim, analisaremos cada uma dessas linhas respectivamente, e são elas: a interpretação preterista, a interpretação futurista, e por fim, a interpretação historicista.

Interpretação Preterista

Estes autores tratam do tema em questão como tendo seu cumprimento no passado distante. Sua interpretação traz as três "bestas" ou "animais" como sendo, 1) Babilônia, 2) Média e 3) Pérsia[8]. Ao desenvolverem sua linha de interpretação argumentam que os três primeiros impérios não foram totalmente destruídos, mas o seu domínio foi tirado, tendo assim oportunidade de continuar existindo em outra forma dentro do quarto reino[9], o qual era a 4) Grécia[10].

---

[8] Louis F. Hartman e Alexander A. Di Lella, *The Book of Daniel*: A New Translation and Commentary, The Anchor Bible, V. 23. 1ª ed. (Garden City, NY: Doubleday & Company Inc., 1980), 212-216.

[9] *Livros Proféticos desde Ezequiel hasta Malaquias*, Tomo 2 (Barcelona, M.C.E. Horeb, 1990), 254.

[10] Hartman e Di Lella, 212-216.

Através dessa linha, afirma-se que os três primeiros animais, apesar de serem derrotados, tem sua prolongação de existência dentro do império que os sucederam[11]. Sua interpretação quanto ao chifre pequeno leva a Antíoco Epifânio, colocando o quarto reino e o chifre pequeno anteriores ao advento do Messias. Outro ponto interessante é a colocação de Antíoco como o décimo rei do império grego[12], tornando-o assim, o chifre pequeno.

Interpretação Futurista

Esta outra linha de pensamento traz o cumprimento final para o futuro, ou seja, para o juízo final de Deus sobre a besta, todavia não apresenta solução ao problema.

John Peter Lang menciona uma linha que parece ser dispensacionalista. Em suas explicações deixa transparecer uma prolongação de vida depois da volta de Cristo onde várias nações vão continuar existindo, mas não como um poder formal[13]. Da mesma forma Matthew Henry segue esse pensamento, onde neste caso, ensaia uma discussão sobre o motivo da destruição da quarta besta e da sobrevida das outras três. Segundo Henry, isso se deve ao tipo de pecado que foi cometido por eles. No que tange a quarta besta, sua destruição se deve ao pecado do orgulho que encheu sua medida diante de Deus, enquanto que os outros animais foi lhes dado um pouco mais de tempo. Este período de tempo lhes é concedido para arrependimento[14].

---

[11] George Arthur Buttrick, *The Interpreter's Bible*. V. 6. (Nashville: Abington Press, 1956), 459-461.

[12] Ibidem.

[13] John Peter Lange, *Commentary on the Holy Scriptures*, (Michigan, Grand Rapids 2, 1873), 156. Frank E. Gabelein, *The Expositors Bible Commentary***.** V. 7 (Michigan: Grand Rapids, 1985), 89.

[14] Mattew Henry, *Matthew Henry's Commentary on the Holy Bible*. V. 2 (Delaware: Suvereign Grace Publishers, 1845), 1269.

Embora, para Severino Pedro da Silva há uma clara afirmação de que esses impérios são: 1) Babilônia, 2)Média e Pérsia, 3) Grécia e 4) Roma, ele declina o poder de Roma na história e aponta para o julgamento final no futuro. Quanto às bestas que são mortas, o autor aplica a seres demoníacos, mas que, em realidade serão homens possuídos por Satanás, que finalmente serão destruídos no fogo[15].

Interpretação Historicista

Nessa terceira linha, se destaca o cumprimento da profecia no transcurso da história. Nessa linha, encontramos a posição de que os animais são os reinos de: 1) Babilônia, 2) Média e Pérsia, 3) Grécia e 4) Roma. Embora alguns não tracem esta seqüência, todavia chegam a afirmar que o domínio da besta é exercido até o julgamento divino[16]. Aparentemente Clarke também opta aqui por uma linha histórica, embora não haja argumentos mais sólidos a não ser o fato de que ele contribui com a afirmação de que o domínio da besta deve ser levado até não ser sucedido por nenhum reino deste mundo[17]. Os animais, segundo C. F. Keil tem seu juízo executado no julgamento final onde Deus definitivamente estabelece Sua supremacia[18].

---

[15] Severino Pedro da Silva, *Daniel Versículo por Versículo*. 10ª ed. (Rio de Janeiro: CPAD, 2002), 139-140.

[16] Arthur G. Keough, *El Mensaje de Daniel*. 1ª ed. (Buenos Aires: Casa Editora Sudamericana Florida, 1986), 72. Zdravko Stefanovic, *Daniel Wisdow to the Wise Commentary on the Book of Daniel* (Nampa, Idaho: Pacifc Press, 2007), 267-268. Robert A. Anderson,, *Daniel, Sings and Wonders* **(**Edinburg: The Handsel Press Ltd, Edinburg, 1973), 82-85. *Beacon Bible Commentary*. V. 4 (Kansas City, Missouri: Beacon Hill Press of Kansas City, 1966), 654. *Zondervan NIV Bible Commentary***.** V. 1 (Michigan: Grand Rapids, 1994), 1379.

[17] Adam Clarke, *The holy Bible Containing The Old and The New Testaments*. V. 4 (New York, Nashville: Abington Coesbury Press), 593.

[18] C. F. Keil, *Biblical Commentary on the Old Testament*, (Michigan: Grand Rapids), 231-234.

O Comentário Bíblico Adventista traz a interpretação de que o fato de ser morto significa o fim do sistema de governo, enquanto que a frase "foi-lhes tirado o domínio", introduz a idéia de que estes povos conquistados se tornaram súditos do reino subseqüente, porém, com a destruição final[19] por parte de Deus o mundo inteiro será despovoado[20]. O Dr. Ruy Cesar Silveira acrescenta que os três primeiros reinaram nos tempos previstos na profecia, mas o quarto reinará até que Cristo volte e lhe tire o domínio[21], embora, os três primeiros foram lentamente privados de poder pelo quarto reino[22].

Joyce Baldwin destaca dois pontos os quais julga claros: 1) sejam quem for que os animais originais representem, seus reinos continuam a ter uma identidade reconhecível; 2) a história, por esta altura, ainda não chegou ao seu fim, apesar da intervenção do juízo de Deus, apesar da expressão "um prazo e um tempo*"* implique num futuro limitado[23]. Antonio Neves de Mesquita apesar de não ser historicista em sua interpretação, neste caso argumenta que a continuação da existência dos três animais (reinos) deve relacionar-se com a vinda do tempo determinado por Deus[24], ou seja, até o retorno de Cristo onde estes reinos serão exterminados. Jacques Doukhan argumenta que uma possível solução seria a tradução dos

---

[19] *Daniel o Profeta do Juízo* (Artur Nogueira, SP: União Central Brasileira da Igreja Adventista do Sétimo Dia, 2003), 60-61.

[20] *Seventh Day Adventist Bible Commentary* (Faculdade Adventista de Teologia: Review and Herald Publishing Association, 1963), 134. Francis D. Nichol, *Comentários sobre Daniel* (Capão Redondo, SP: Instituto Adventista de Ensino, 1984), 248. David A.Clements, *The Book of Daniel its Message for our Time* (Indiana: Old Paths Tract Society, 1976), 40-41. A.C. Gaebelein, *The Prophet Daniel* (Michigan: Kreegel Publications Grand Rapids, 1955), 78.

[21] Ruy Cesar Silveira, *O Firme Fundamento de Daniel e Apocalipse* (São Paulo, SP: Instituto Adventista de Ensino, 1990), 31.

[22] Charles W. Carter, Ralph Earle e Ralph W. Thompson, *The Wesleyan Bible Commentary*. V. 3 (Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 1969), 535.

[23] Joyce G. Baldwin, *Daniel: Introdução e Comentário,* Série Cultura Bíblica, (São Paulo: Vida Nova,1983), 150.

verbos de Daniel 7:12 no mais que perfeito em contraste com o pretérito utilizado no verso 11[25].

---

[24] Antonio Neves Mesquita, *Estudo no Livro de Daniel* (Rio de Janeiro: JUERP, 1978, 55.

[25] Jacques Doukhan, *Lê Soupir de l aTerre, Etude prophétique du livre de Daniel, Tous droits de reproduction totale* (France: Vie & Santé Dammarie lês Lys, 1993), 166-167.

CAPÍTULO II

Estudo do Texto

"Então, estive olhando, por causa da voz das insolentes palavras que o chifre proferia; estive olhando e vi que o animal foi morto, e o seu corpo desfeito e entregue para ser queimado. Quanto aos outros animais, foi-lhes tirado o domínio; todavia, foi-lhes dada prolongação de vida por um prazo e um tempo."

Para a compreensão dos versos de Daniel é necessário um estudo do contexto em que a profecia está inserida e dos paralelos proféticos que se referem ao mesmo evento. Isso se dá nos capítulos 2 e 7 de Daniel e em Apocalipse 13 e 17.

Paralelos entre Daniel 2 e 7

A primeira visão de Daniel, propriamente dita, ocorre no capítulo 7, onde Daniel apresenta a profecia que contém a problemática de nosso estudo. Daniel vê os quatro ventos agitando o grande mar. Em seguida ele vê quatro animais que subiam do mar e a cena do juízo. Vê também que um dos animais foi morto e seu corpo desfeito e entregue para ser queimado (Dn. 7:11-12).

Para entendermos o significado de cada animal, e seu paralelo em Daniel 2, partimos de Daniel 7:23...*O quarto animal será um quarto reino na terra*... Neste verso sabemos que

o quarto animal seria um quarto reino na terra, provavelmente a partir de Daniel já que o anjo falava com ele[26]. Segundo Maxwell se retroagirmos chegamos à Babilônia como o primeiro animal, o leão. Em Daniel 2, a cabeça de ouro da estatua é identificada como o Rei Nabucodonosor e por conseguinte o império Babilônico. Leões alados eram símbolos comuns e constantemente usados pelo império Babilônico nos portais dos palácios e entradas das cidades. Na seqüência Maxwell salienta que o leão não abandonou a cena, entretanto, a seguir a atenção de Daniel foi desviada para o segundo animal[27], o Urso. Este animal citado em Daniel 7:5 é identificado com os Medo-Persas[28], por ser o império que seguiu a Babilônia e pela característica do animal de um de seus lados ser mais alto do que o outro, os Persas eram mais fortes do que os Medos. Em paralelo temos em Daniel 2 o peito e braços da estátua que representam o mesmo poder[29]. Joyce Baldwin, ao analisar esse reino ou império, reconhece no império Medo-Persa um reino quase tão formidável quanto Babilônia[30]. Maxwell descreve que o "urso saliente de um dos lados foi logo ladeado por um

[26] Edwin R. Thiele, *Daniel, Estudos Esboçados* (São Paulo: Faculdade Adventista de Teologia, 1961), 32-36. José Carlos Ramos, *Profecia Bíblica, Significado e Natureza da Profecia Bíblica; Introdução e Comentário de Daniel* (Unasp-2: Edições SALT, Pós Graduação, 02/2005), 81-85. Francis D. Nichol, *Comentarios sobre Daniel*. 3ª ed. (IAE, São Paulo: Seminário Adventista Latino Americano de Teologia, 1984), 137-147. Vilmar E. González, *Daniel e Apocalipse*. 3ª ed. (Salvador , BA: Gráfica Monte Sinai, 1998), 17-21.

[27] Maxwell, 108-109.

[28] Thiele, 32-36; Ramos, 81-85; Nichols, 137-147.

[29] Maxwell, 109.

[30] Joyce G. Baldwin, *Daniel Introdução e Comentário* (São Paulo: Série Cultura Bíblica, Vida Nova,2006), 148.

leopardo[31]", sendo este identificado com a Grécia[32] cuja aplicação no capítulo 2 é feita no ventre e coxas de bronze da estátua[33].

Baldwin insiste que, se os outros animais já representavam o que há de mais poderoso e selvagem para o homem, algo ainda pior estaria por vir, "um quarto animal, terrível, espantoso e sobremodo forte". Seus grandes dentes de ferro podem ter correspondência com a quarta parte da estátua do capítulo 2 de Daniel, ou seja, as pernas de ferro[34].

Já no contexto do juízo encontramos nos versos 9-14, 18, 22, 26-27 de Daniel 7, "a mesma mensagem, repetida em diferentes palavras": O tribunal será estabelecido com o propósito de realizar o juízo, a besta será morta e o reino será dado aos santos do Altíssimo[35]. Seu paralelo é encontrado em Daniel 2:34-35, onde uma pedra é cortada do céu sem auxílio de mãos, destruindo primeiramente os pés de ferro e barro, em seguida destrói as pernas de ferro, o ventre e coxas de bronze, o peito de prata e a cabeça de ouro sucessivamente. O juízo é aplicado nos pés da estátua, este juízo destrói a estátua a partir dos pés. Em Daniel 7:11 e 26 o juízo é aplicado ao chifre pequeno e ao quarto animal para o destruir e o consumir até o fim.

Baldwin acrescenta uma sugestão interpretativa para o capítulo 2: 44-45, no ponto onde o juízo é executado.

> O Deus do céu, em contraste realizará o Seu firme propósito de estabelecer um reino duradouro nos dias desses reis; a expressão é vaga, pois nenhum rei havia sido mencionado desde Nabucodonosor; porém, é natural assumir-se que o autor pensava nos reis do último reino mencionado. Enquanto os outros impérios mundiais haviam sido sucessivamente

[31] Maxwell, 110.
[32] Thiele, 34; Ramos, 83; Nichols, 139.
[33] Maxwell, 110.
[34] Baldwin, 148.
[35] Maxwell, 113; González, 33.

> derrubados por outros conquistadores, ninguém poderá tomar de assalto a este aqui mencionado (que dará um fim em *todos esses reinos*, durando, por sua vez, para sempre). Embora os reinos pareçam ter sido consecutivos, há aqui uma sugestão de que possam ser contemporâneos; isso, todavia, faz parte do simbolismo da estátua, que pela natureza do caso representa todos os reinos como que caindo ao mesmo tempo[36].

O vocábulo "contemporâneos", neste caso talvez implique na absorção dos impérios pelo seguinte sem sua destruição completa. Assim entendemos que esses impérios "fazem parte de um todo" como o próprio capítulo 2 deixa a entender sobre a unidade da estátua. Embora Baldwin mencione a palavra consecutivos é difícil determinar sua posição neste texto, mas podemos entender que os reinos representados na estátua não caem ao mesmo tempo, mas em seqüência.

A cena do juízo e a possessão do reino pelos santos do Altíssimo é o último paralelo que encontramos entre os capítulos 2 e 7 de Daniel (Dn. 2:28, 34, 35, 44, 45; 7:11-13, 18 e 26).

Relação e Paralelos entre Daniel 2 e 7 e Apocalipse 13 e 17

Segundo González uma das características dos livros de Daniel e Apocalipse, é que eles são uma repetição que se amplia gradativamente[37].

Apocalipse capítulo 13 traz uma ligação com o capítulo 7 de Daniel[38], onde encontramos as figuras dos quatro animais. Em Apocalipse João relata uma besta que subia do mar com dez chifres e 7 cabeças[39], essa besta tem semelhanças com o terceiro animal o

---

[36] Baldwin, 99.

[37] González, 44.

[38] Francis D. Nichol, *Comentario Biblico Adventista Del Séptimo Dia*. V. 7 (Buenos Aires: Publicaciones Interamericanas, Buenos Aires, 1990), 831.

[39] C. Mervyn Maxwell, *Uma Nova Era Segundo as Profecias do Apocalipse*. V. 2 3ª ed.(Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004), 332.

leopardo, com o segundo, o urso e com o primeiro, o leão[40], mas também com o quarto animal devido aos chifres. Podemos acrescentar ainda em Ap. 17:3 uma semelhança entre a besta escarlate e o quarto animal, onde ambos possuem dez chifres. Outro detalhe interessante a ser destacado é que o conjunto de animais de Daniel 7 possuem juntos sete cabeças e dez chifres[41], indicando talvez uma unidade interpretativa com Apocalipse 13.

João vê também que uma de suas cabeças é golpeada de morte, mas a ferida mortal foi curada e a cabeça proferia arrogâncias e blasfêmias (Ap. 13:6). Daniel 7:25 se refere ao chifre pequeno que proferia blasfêmias[42]. Notamos também que em Ap. 17:3 um novo personagem entra em cena "repleta de nomes de blasfêmias". A besta escarlate carrega sobre si uma mulher que tem o nome de "Babilônia a Grande, a Mãe das Meretrizes e das Abominações da Terra". Maxwell argumenta que esta mulher de Apocalipse 17 é essencialmente a mesma figura que o chifre pequeno de Daniel 7[43].

Em Dn. 7:25 o chifre pequeno "cuidará em mudar os tempos e a lei" e em Ap. 13:6 a besta "abriu a boca... para lhe difamar o nome e difamar o tabernáculo, a saber, os que habitam no céu", Maxwell afirma se tratar isto de uma afronta a lei de Deus que trás o Seu nome e é a expressão do Seu caráter[44]. Um paralelo velado em Daniel 7, mas que é notório em Apocalipse 13, é o fato de que os reis antigos, excetuando-se os reis de Israel, exigiam adoração dos seus conquistados. Em Daniel 7:24-26 o chifre pequeno é descrito como um rei dominando e posteriormente perdendo o seu domínio. Em Apocalipse 13:3-4 o dragão

[40] Nichol, 831-832
[41] Maxwell, 333.
[42] Ibid, 392.
[43] Ibid, 475.
[44] Ibid, 392.

recebe adoração por intermédio da besta que também é adorada. O ponto focal é a adoração.

Em Dn. 7:25 *os santos lhe serão entregues nas mãos*. Em Ap. 13:7 *foi-lhe dado, também que pelejasse contra os santos e os vencesse*. Em Ap. 17:6 a meretriz está *embriagada com o sangue dos santos*.

Daniel também menciona um período de tempo no qual o chifre pequeno teria em suas mãos os santos do Altíssimo "um tempo, dois tempos e metade de um tempo" (7:25). João cita também em Ap. 13:5 que a besta tem autoridade para agir durante quarenta e dois meses. Maxwell denota que é a mesma cena que vemos aqui novamente se refere a Daniel 7[45]. Maxwell salienta que os quatro animais em Daniel 7 saíam do mar, da mesma forma a besta (13:1-2) também emerge do mar. A besta sobre a qual a meretriz está assentada está postada sobre o mar[46] (cf. Ap. 17:3,15).

O juízo manifesto em Daniel 7:26 tem sua contrapartida em Apocalipse 17:1 onde *as nações que servilmente conspiraram com a prostituta, agora a vêem como a indesejável monstruosidade que ela realmente é prefigurada. Em odiosa contenda eles a desnudam e a desgraçam*[47].

Considerações Acerca dos Paralelos

Após uma análise dos fatos apresentados podemos agora sugerir uma possível solução ao problema proposto.

[45] Maxwell, 334-335.
[46] Ibid, 351.
[47] Maxwell, 475.

Entendemos que os animais são os reinos da Babilônia, Média-Persia, Grécia e Roma imperial, e o chifre pequeno, Roma papal, sendo este último uma continuação do império Romano, pois surgiu deste mesmo animal. Percebe-se também aqui uma íntima ligação de conteúdo e uma unicidade entre Daniel 2 e a figura da estátua, com os quatro animais de Daniel 7, e com a besta de Apocalipse 13, cujos traços da mesma implicam uma similaridade com os animais de Daniel 7, e a besta de Apocalipse 17, em sua semelhança com o quarto animal, e a mulher montada na besta, entre outras pequenas analogias.

Tomando por base as semelhanças entre esses eventos e personagens, identificamos em primeiro lugar um poder único por trás de todos eles. Baldwin salienta esse fato, um poder "superior" agindo[48].

Outro aspecto a ser observado é o fato de que a estátua de Daniel 2, embora composta de cinco elementos (ouro, prata, bronze, ferro e barro), é na realidade uma só estátua e não cinco figuras diferentes. Daniel descreve o sonho da seguinte maneira: *eis aqui **uma** grande estátua: **esta**, que era imensa e de extraordinário esplendor, **estava** em pé diante de ti; e a **sua** aparência era terrível.* (Dn 2:31 **grifo acrescentado**). A descrição nos versos seguintes apenas enfatiza as composições da mesma figura.

Em Daniel 7 podemos ver que os animais, embora quatro diferentes entre si, são sempre seguidos, ou "ladeados" uns dos outros sem que haja uma completa eliminação do anterior. A exceção está no quarto animal (v. 11) onde ele é destruído numa clara alusão ao juízo divino.

[48] Baldwin, 148.

Em Daniel capítulo 2, o juízo é aplicado à estátua nos pés, *em parte, de barro de oleiro e, em parte de ferro* (Dn 2:41), e é dito que *nos dias desses reis o Deus do céu suscitará um reino que não será jamais destruído* (Dn 2:44). A execução do juízo se dá nos dias desses reis e a descrição é incisiva: *Quando estavas olhando, uma pedra foi cortada sem auxílio de mãos, feriu a estátua* ***nos pés*** *de ferro e de barro e os esmiuçou* (Dn 2:34 **grifo acrescentado**). O juízo, (a exemplo de Daniel 7, onde o quarto animal é morto e aos demais lhes é dado prolongação de vida), aqui é aplicado primeiramente aos pés da estátua e ***então*** *foi esmiuçado juntamente o ferro, o barro, o bronze, a prata e o ouro* (Dn 2:35 **grifo acrescentado**) em ordem inversa, ou seja do último para o primeiro.

Percebemos que tanto em Daniel 7:11-12 como em 2:44-45 permanece a mesma aparente contradição, todavia não encontramos nenhuma possível solução dentro do contexto de Daniel. Isto nos leva a buscar outros possíveis paralelos na Bíblia para entendermos esse ponto.

Ao ligarmos esses eventos aos descritos em Apocalipse 13 e 17, encontramos auxílio para a compreensão, pois percebemos que tratam do mesmo tema, mas com uma abordagem que amplia a idéia anterior.

Em Apocalipse 13 e 17 fica claro que existe uma unidade entre estes dois livros. Esta unidade demonstra uma seqüência de um mesmo poder reinante, embora exercido por vários povos.

Em Apocalipse 13, a besta reflete aspectos e peculiaridades dos quatro animais de Daniel 7. Um aspecto interessante de unidade é o fato de que os animais de Daniel 7 têm, em sua somatória, o mesmo número de cabeças e chifres que a besta. Estas particularidades

sugerem que se tratam do mesmo poder. Daniel e Apocalipse descrevem que este poder seria supremo *durante 42 meses* (Ap 13:5) ou *1260 dias* (Ap 12:6) ou ainda *um tempo, dois tempos e metade de um tempo* (Dn 7:25), que tem a mesma duração de tempo em cada caso. Aplicando a interpretação historicista a essa besta, entendemos se tratar do papado e do mesmo poder do chifre pequeno.[49]

João descreve: *Então, vi uma de suas cabeças como golpeada de morte, mas essa ferida mortal foi curada; e toda a terra se maravilhou, seguindo a besta;* (Ap. 13:3). Isto sugere que a besta continuaria em atuação depois daqueles períodos de tempo mencionados acima. O período mencionado pelos autores bíblicos estende-se, segundo José Carlos Ramos, de 538-1798 d.C.[50] Assim, entende-se que a besta sofreria uma ferida mortal depois deste período, mas seria curada, levando avante sua obra.

Em Apocalipse 17 novamente o item "sete cabeças e dez chifres" é trazido à cena. Com relação às sete cabeças Ekkhardt Muller apresenta uma sugestão interessante. As sete cabeças representam os sete impérios mundiais dominantes desde o Egito, seguido da Assíria, Babilônia, Média-Pérsia, Grécia, Roma pagã e Roma Papal[51], porém Daniel se refere às divisões e conquistas desde Babilônia até Roma. Quanto ao aspecto dos chifres, é uma referência ao quarto animal de Daniel 7, do qual surgiu o chifre pequeno. O elemento novo aqui é a mulher. Podemos identificar a mulher com o chifre pequeno de Daniel 7 e com a besta de Apocalipse 13, porque embora não se detenha muito no assunto Muller sugere que a "mulher" que é também a "grande cidade que domina sobre os reis da terra", ou seja, o

[49] Ramos, *Apocalipse Introdução e Comentário,* 76.
[50] Ramos, *Significado e Natureza da Profecia Bíblica*; Introdução e Comentário, 55.

poder papal, e isto nos indicaria se tratarem do mesmo poder (a mulher, o chifre e a besta de Apocalipse 13).

Analisando também o aspecto das sete últimas pragas, as quais se darão antes da volta de Cristo, encontramos na quinta delas uma referência ao secamento do Eufrates. O anjo fala acerca da *grande meretriz que se acha sentada sobre muitas águas* (Ap 17:1) e depois *montada numa besta* (v.3) e *sobre sete colinas ou montes* (v.9). Na seqüência, ele diz que a meretriz está assentada sobre as águas e que estas *são povos, multidões, nações e línguas* (Ap 17:15). Muller citando Kistemaker diz que os montes "apontam para os poderes mundiais que tem seu lugar na história"[52]. Entendemos que a besta é um poder maior do que a mulher, os chifres são os reis que dão sustentação ao poder da mulher. Como as águas e os montes são estes mesmos poderes isto sugere que, assim como águas simbolizam povos, multidões, nações e línguas (Ap. 17:15), o secamento do Eufrates significa a perda total de apoio à mulher por parte dos reis da terra, os quais se revoltam contra ela (Ap. 17:16).

O capítulo 18 de Apocalipse traz o lamento sobre "Babilônia". Esse lamento é proferido pelos admiradores de Babilônia, *os reis da terra que com ela se prostituíram e viveram em luxúria* (Ap. 18:9). A declaração de que *em uma hora chegou o seu juízo*, (v.10) indica que ela estará completamente destruída (v. 21-24) enquanto que ainda haverá quem a lamente (Ap. 18:9-11). Aqui é importante fazermos uma distinção entre a destruição da meretriz (chifre pequeno) e não da besta de apocalipse 17, pois não se tratam do mesmo

---

[51] Ekkhardt Muller, *A Besta de Apocalipse 17: uma sugestão*. Parousia (Sede Brasil Sul: Revista do Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia, Ano 4, 01/ 2005), 38-39.

[52] Ibid, 40.

poder[53]. Assim entendemos que o juízo será executado sobre a mulher (o chifre pequeno) primeiramente.

Outro detalhe que nos auxilia é o fato de haverem duas ressurreições (Ap. 20:5-6). Na primeira ressurreição os justos são levados para o céu (I Tes 4:13-17) com Cristo, enquanto que os demais *o Senhor Jesus matará com o sopro de sua boca e o destruirá pela manifestação de Sua vinda* (II Tes 2:8). Se os justos são levados para o céu e os ímpios são destruídos, então a destruição de "Babilônia" pelos reis da terra tem necessariamente que ser anterior a este evento.

Ainda ao final do "milênio" haverá uma segunda ressurreição, da qual fazem parte todos os ímpios (Ap. 20:7-9). Nesta ressurreição Satanás *sairá a seduzir as nações que há nos quatro cantos da terra,... a fim de reuni-las para a peleja. O número dessas é como a areia do mar. Marcharam, então, pela superfície da terra e sitiaram o acampamento dos santos e a cidade querida; desceu, porém fogo do céu e os consumiu* (Ap 20:8-9). Entendemos que se Satanás sairá a seduzir as nações que há nos quatro cantos da terra, então ainda haverão nações comandadas para serem reunidas.

Portanto, uma possível solução apresenta a destruição do chifre pequeno, a besta de Apocalipse 13 e a mulher de Apocalipse 17 que representam o mesmo poder, como se situando durante a quinta praga, antes da volta de Cristo, enquanto as nações continuam com vida até a volta de Cristo, quando serão destruídas, mas não definitivamente. Após os mil anos, ressuscitam para então serem definitivamente destruídas. A besta do capítulo 13, o

[53] Para maiores informações sobre essa diferença ver Artigo de Ekkhardt Muller, *A Besta de Apocalipse 17: uma sugestão.* Parousia (Revista do Seminário Adventista Latino-americano de Teologia. Sede Brasil Sul, Ano 4, 01/2005), 31-41.

chifre pequeno, ou meretriz do capítulo 17 não retornam como figuras exercendo um papel, haja vista que sua obra de engano não teria mais êxito, mas seus componentes ressuscitam para receber o castigo final.

CAPÍTULO III

Análise Crítica

Ao analisarmos as posições dos autores que interpretam Daniel 7:11-12, e seu contexto relacionado com Apocalipse, podemos apresentar então algumas considerações.

Análise da Interpretação Preterista

Entre os autores que crêem no cumprimento desta profecia como estando no passado pudemos perceber que existem algumas discrepâncias quanto ao próprio significado do texto bíblico (Dn 7:11-12). Ao entender os quatro animais como sendo Babilônia, Media, Pérsia e Grécia, esses autores incorrem nos seguintes problemas.

Em primeiro lugar verificamos a divisão do reino Medo-Persa em dois reinos distintos ocupando seu lugar na profecia em períodos também diferentes. Podemos admitir essa interpretação quando analisamos do ponto de vista cultural, todavia não o podemos fazer se analisarmos a união civil, o que ocasionou posteriormente a unificação das duas nações e finalmente a absorção dos Medos pelos Persas, como também a união militar existente entre essas duas nações comandados pelos Persas, na pessoa de Ciro (cuja profecia de Isaías descreve. Is. 45:1-7).

Quanto ao fato de Antíoco Epifânio ser colocado como o chifre pequeno, podemos analisar que o livro "Questions on Doctrine" desqualifica o argumento dessa linha de interpretação da seguinte forma: 1) Ela não corresponde às especificações da profecia. 2) Foi propagada como tentativa pagã para refutar a profecia e depreciar assim a religião cristã mostrando que o livro de Daniel foi escrito após as ocorrências que parecia predizer. 3) O dedo da profecia aponta mais exatamente para a grande apostasia romana, o Papado, como poderoso Anticristo que lança a verdade por terra, destrói os santos do Altíssimo e continua até o tempo do fim[54].

Outro ponto de discordância é o fato de que os autores buscam o cumprimento total da profecia antes do advento do Messias. Se assim fosse teríamos que descaracterizar o método de interpretação profética baseado no princípio dia-ano de Daniel 8:14 e 9:27-30 (cf. Ez. 4:6-7; Nm. 14:34) o qual é amplamente embasado por Clifford Goldstein e Jean Zurcher[55]. Este princípio vem postergar o juízo divino no tempo do fim para depois de 1844 (2300 tardes e manhãs), quando, segundo os próprios autores, ao final desse juízo se daria a destruição do quarto animal e do chifre pequeno. Isto não seria possível por causa da morte de Antíoco Epifânio, segundo a linha preterista de interpretação.

Teríamos também que desqualificar a data de 457 a.C. como ponto de partida para o início das setenta semanas de anos que fazem parte da profecia maior de dois mil e trezentos anos.

---

[54] Clifford Goldstein, *O princípio do Dia Profético*. Revista Adventista (março de 1999), 32-33.

[55] Idem.; Jean Zurcher, *O Princípio do Dia-Ano*. Revista Adventista (maio/junho de 1981), 15-16 e 14-15.

Para fortalecer a posição preterista nesta interpretação esses mesmos autores adaptam argumentos que justifiquem sua posição concernente ao chifre pequeno como sendo o décimo rei do quarto império, isto é segundo esses autores o império Grego. Não podemos afirmar isso, pois se partirmos de Seleuco então Antíoco será o 8º desta linhagem[56], se partirmos de Alexandre o Grande, fundador do reino, Antíoco será o 11º ou 12º rei.

Portanto, chegamos a conclusão de que esta linha de interpretação carece de base hermenêutica/histórica segundo os argumentos supra citados.

Análise da Interpretação Futurista

Segundo os autores desta linha de interpretação haverá uma prolongação de vida, ou seja, uma nova oportunidade para a humanidade arrepender-se e se salvar após o retorno de Cristo a Terra. No entanto, podemos verificar que João em Apocalipse 19:21 e 20:1-5, bem como Jeremias em 4:23-27, olhando para o futuro, afirmam que não haverá pessoas vivas durante os mil anos. Por ocasião da vinda de Cristo, no contexto escatológico, os ímpios serão eliminados da face de toda a Terra: *consumidos pelo Espírito de Sua boca, e destruídos pelo resplendor de Sua glória* (cf. II Tess. 2:8; Ap. 6:15-17)[57].

Por outro lado, os santos reinam com Cristo no céu durante os mil anos (cf Ap. 20:4 u.p.), neste período ocorrerá o julgamento dos ímpios pelos santos numa espécie de juízo comprobatório ou juízo "vindicativo" (cf. I Co 6:2). Assim, descartamos uma prolongação de vida para o arrependimento dos povos após a volta de Cristo, argumentação usada por

[56] Frank B. Holbrook, *Symposium on Daniel.* Daniel and Revelation Commitee Series, V.2 (Hagerstown, Maryland: Review and Herald Publishing Association, 1986), 190.

[57] González, 44.

Mathew Henry na figura da prolongação de vida dos três animais, com base nos argumentos supracitados, embora não descartemos a prolongação de vida dos animais.

O argumento de que as Bestas são seres demoníacos não procede de uma análise histórica desses poderes. A primeira besta, segundo Maxwell, é o poder eclesiástico católico romano, e a segunda besta é o poder civil dos Estados Unidos da América[58].

Os autores ao defenderem essa linha de interpretação eliminam praticamente a seqüência dos eventos em seu cumprimento literal e assim fragmentam a profecia das setenta semanas de Daniel 9, onde se estabelece o período de "graça" ainda sobre os judeus (490 anos) e retiram dela a última semana correspondente ao ministério de Cristo postergando seu cumprimento para os "últimos dias", ou seja, aos sete anos anteriores a Sua vinda (dispensacionalismo). Para que isso fosse possível teríamos que desconsiderar as regras de interpretação proféticas quando um estudo cuidadoso de Daniel 8 e 9 revelam claramente que as setenta semanas são um período ininterrupto de tempo, cumprindo da primeira a septuagésima semana em uma linha de tempo histórico. Um segundo problema aqui encontrado é que na metade da septuagésima semana *ele fará firme aliança com muitos* (Dn 9:27). Quem é ele para os dispensacionalistas? O anticristo, Todavia, os eruditos bíblicos tem interpretado o "Ele" como uma referência a Cristo[59].

Baseados nestes argumentos podemos também descaracterizar a interpretação futurista, como carecendo de fundamento hermenêutico e histórico.

---

[58] Maxwell, 475.
[59] Steve Wholberg, *Revista Dialogo*. (Ano 15, 2/2003), 8-10.

Análise da Interpretação Historicista

Os autores que tem uma interpretação historicista não mantêm uma regularidade em suas posições relacionadas ao problema deste estudo. Embora haja um consenso sobre a seqüência histórica dos animais/reinos, quando se referem à destruição do quarto animal alguns não abordam no problema levantado.

Adam Clarke sugere que o poder do quarto animal, estendido ao chifre pequeno que o sucedeu, deve durar até não ser sucedido por nenhum outro reino deste mundo[60]. Uma sugestão é que os animais serão aniquilados ao mesmo tempo[61], enquanto que outra sugestão aponta para uma destruição primeiramente da besta e posteriormente dos demais animais[62].

Há uma sugestão de que a frase *quanto aos outros animais, foi-lhes tirado o domínio; todavia, foi-lhes dada prolongação de vida por um prazo e um tempo* (Dn 7:12), teve seu cumprimento por ocasião de sua conquista por outros reinos, sendo assimilados por eles e não destruídos[63], embora, o quarto animal deva exercer o seu domínio até o retorno de Cristo[64]. Outro entendimento é de que os animais, não importando quem signifiquem, mantém sua identidade reconhecível diante dos que os sucedem[65].

Por fim, ainda existe a argumentação de que a brevidade de tempo dada aos três animais restantes é decorrente do fim do tempo predito por Deus, ou seja, a volta de Jesus[66].

---

[60] Clarke, 593.
[61] Keil, 231-234.
[62] Stefanovic, 265-266.
[63] *Daniel o Profeta do Juízo*, 60-61.
[64] Silveira, 31.
[65] Baldwin, 150.
[66] Mesquita, 55.

Podemos entender que o chifre pequeno durará até não ser sucedido por nenhum outro reino deste mundo no aspecto de que o mundo estará em um estado caótico e não haverá reino politicamente organizado conduzindo os acontecimentos, nem tempo hábil para isso. Desqualificamos a destruição dos animais ao mesmo tempo como sugerido por Keil, haja vista a conclusão de que há uma seqüência para a destruição dos animais/reinos. Também não concordamos com o argumento de que o quarto animal exerce seu domínio até o retorno de Cristo caracterizado como quarto animal. Quem exerce o domínio é o chifre pequeno/Besta (Ap 13)/ Meretriz, mas sempre usufruindo dos poderes políticos mundiais. O argumento de que os animais mantêm sua identidade reconhecível pode ser sustentado, uma vez que as culturas e a identidade dos povos ainda hoje podem ser estudadas e percebem-se traços nas culturas locais.

CONCLUSÃO

Entendemos que dentro das linhas de interpretação analisadas, nenhuma delas havia proposto uma solução satisfatória para o problema. Jacques Doukhan chegou a argumentar que uma possível solução seria a tradução dos verbos de Daniel 7:12 no mais que perfeito em contraste com o pretérito utilizado no verso 11[67], todavia essa tradução não resolveria a tensão do capítulo, pois no capítulo 2 existe a mesma tensão.

Assim entendemos que o verso: *Então, estive olhando, por causa da voz das insolentes palavras que o chifre proferia; estive olhando e vi que o animal foi morto, e o seu corpo desfeito e entregue para ser queimado. Quanto aos outros animais, foi-lhes tirado o domínio; todavia, foi-lhes dada prolongação de vida por um prazo e um tempo*. Dn. 7:11-12 tem sua resposta em um estudo integrado doa livros de Daniel e Apocalipse. Ao analisarmos esses livros em conjunto verificamos que a provável solução é a que apresenta a destruição do chifre pequeno, a besta de Apocalipse 13 e a mulher de Apocalipse 17 que representam o mesmo poder, como se situando durante a quinta praga, antes da volta de Cristo, enquanto as nações continuam com vida até a volta de Cristo, quando serão destruídas. Esta destruição, no entanto, não é definitiva. Após os mil anos ressuscitam para então serem definitivamente destruídos.

A besta do capítulo 13, o chifre pequeno, ou meretriz do capítulo 17 não retorna como figura exercendo um papel, haja vista que sua obra de engano não teria mais êxito, mas seus componentes ressuscitam para receber o castigo final. Assim temos o quadro final

[67] Doukhan, 166-167.

da profecia atendido resolvendo a tensão inicial sem criar uma dificuldade maior em sua interpretação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Baldwin, G. Joyce. *Daniel An Introduction e Commentary*. Leicester ,England: Inter Varsity Press, 1978.

Buttrick, George Arthur. *The Interpreter's Bible*. V. 6. Nashville: Abington Press, 1956.

Carter, Charles W., Ralph Earle e Ralph W. Thompson, *The Wesleyan Bible Commentary*. V. 3, Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 1969.

Clarke, Adam. *Clarke's Commentary*. Eletronic Database, 2005.

Comentário de Daniel. Pós Graduação Unasp-2. Edições SALT, 02/2005.

Comentários sobre Daniel. Capão Redondo, SP: Instituto Adventista de Ensino, 1984.

Daniel o Profeta do Juízo. Artur Nogueira, SP: União Central Brasileira da Igreja Adventista do Sétimo Dia, 2003.

Delitzsch, Franz; Keil, Karl Friedrich; Martin, James Translator. *Keil and Delitzsch Commentary on the Old Testament*. New Update Edition.

Doukhan, Jacques. *Lê Soupir de l aTerre, Etude prophétique du livre de Daniel, Tous droits de reproduction totale*. France: Vie & Santé Dammarie lês Lys, 1993.

Gaebelein, Frank E. *The Expositors Bible Commentary*. V. 7. Michigan: Grand Rapids, 1985.

_____. *The Prophet Daniel*. Michigan: Kreegel Publications Grand Rapids, 1955.

Goldstein, Clifford. *"O princípio do Dia Profético" Revista Adventista* (Brasil), março de 1999.

González, Vilmar E. *Daniel e Apocalipse*. 3ª ed. Salvador, BA: Gráfica Monte Sinai, 1998.

Hartman, Louis F. e Alexander A. Di Lella. *The Book of Daniel*: A New Translation and Commentary, The Anchor Bible, V. 23. 1ª ed., Garden City, NY: Doubleday & Company Inc., 1980.

Henry, Mattew. *Matthew Henry's Commentary on the Holy Bible*. V. 2. Delaware: Suvereign Grace Publishers, 1845.

_____. *Matthew Henry's Commentary on the Holy Bible*. V. 4. Delaware: Suvereign Grace Publishers, 1845.

Holbrook, Frank B. *Daniel & Revelation Commitee Series.* V. 2. Hagerstown: Review and Herald Publishing Association, 1989.

Keil, C. F. *Biblical Commentary on the Old Testament*. Michigan: Grand Rapids.

Keough, Arthur G. *El Mensaje de Daniel.* 1ª ed. Buenos Aires: Casa Editora Sudamericana Florida, 1986.

Lange, John Peter. *Commentary on the Holy Scriptures*. Michigan: Grand Rapids 2, 1873.

Livros Proféticos desde Ezequiel hasta Malaquias, Tomo 2, Barcelona, M.C.E. Horeb, 1990.

Maxwell, C. Mervyn. *Uma Nova Era Segundo as Profecias do Apocalipse*. V. 2. 3ª ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004.

_____. *Uma Nova Era Segundo as Profecias de Daniel*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2003.

Mesquita, Antonio Neves. *Estudo no Livro de Daniel*. Rio de Janeiro: JUERP, 1978.

Muller, Ekkhardt. *A Besta de Apocalipse 17: uma sugestão*. Parousia. Sede Brasil Sul: Revista do Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia, Ano 4, 01/ 2005.

Nichol, Francis D. *Comentario Biblico Adventista Del Séptimo Dia*. V. 7. Buenos Aires: Publicaciones Interamericanas, 1990.

_____. *Comentários sobre Daniel.* 3ª ed. IAE, São Paulo: Seminário Adventista Latino Americano de Teologia, 1984.

Ramos, José C. *Profecia Bíblica, Significado e Natureza da Profecia Bíblica*. Livro 1. *Introdução e Comentário de Daniel*: Edições SALT, 02/2005.

_____. *Profecia Bíblica, Apocalipse Introdução e Comentário*. Livro 2. Edições SALT, 02/2005.

Seventh Day Adventist Bible Commentary. Faculdade Adventista de Teologia: Review and Herald Publishing Association, 1963.

Shea, William H. *Estudos Selecionados em Interpretação Profética*. São Paulo: UNASPRESS, 2007.

Silva, Severino Pedro da. *Daniel Versículo por Versículo*. 10ª ed. Rio de Janeiro, CPAD, 2002.

Silveira, Ruy Cesar. *O Firme Fundamento de Daniel e Apocalipse*. São Paulo: Instituto Adventista de Ensino, 1990.

Stefanovic, Zdravko. *Daniel Wisdow to the Wise Commentary on the Book of Daniel*. Nampa, Idaho: Pacific Press, 2007.

The Expositor's Bible Commmentary. V. 7. Michigan: Zondervan Publishinghouse, 1984.

The Holy Bible Containing the Old and New Testament, Comentary and Critical Notes. V. 4. New York, Nashville: Abingdon – Cokesbury Press.

Thielle, Edwin R.*Daniel Estudos Esboçados*. São Paulo: Colégio Adventista Brasileiro, 1960.

Wholberg, Steve. *Revista Dialogo*. Ano 15, 2/2003.

Zurcher, Jean. "O Princípio do Dia-Ano" *Revista Adventista* (Brasil), junho de 1981, 14-16.